



**OS DESAFIOS QUE O POVO MAKHUA ENCONTRA PARA MANTER SUA CULTURA DIANTE DO PLURILINGUISMO NA REGIÃO DE CABO DELGADO, MOÇAMBIQUE**

**THE CHALLENGES THAT MAKHUWA PEOPLE HAVE TO KEEP THEIR CULTURE BEFORE THE MULTI-LINGUALISM IN CABO DEGALDO REGION, MOZAMBIQUE**

Latifo Fonseca<sup>1</sup>  
Rejane Hauch Pinto Tristoni<sup>2</sup>

**RESUMO:** A proposta dessa pesquisa, em andamento, é averiguar como o povo Makhuwa conserva sua língua, suas crenças, suas tradições diante da diversidade cultural – linguística da região norte de Moçambique. Percebe-se que uma das maneiras encontradas para manter sua identidade é vivenciar seus costumes. Para tanto, surgiu a necessidade de comentar sobre a diversidade cultural Makhuwa, tais como, dança, canto, provérbio, gastronomia e ritos de iniciação. Diante disso, este trabalho pretende focalizar o modo de viver desse povo que, embora tenha sido colonizado por Portugal e, ainda, pelo fato da língua do dominador ter-lhe sido imposta, bem como sua cultura, este povo sempre buscou uma forma de resistir. Será discutido também, no decorrer desse trabalho, os conflitos linguísticos entre a Língua Emakhuwa e as diversas línguas faladas em Moçambique e região, dentre elas, o português. Explica-se, em tempo, que devido à complexidade territorial e a ramificação da Língua Emakhuwa na região, esta pesquisa focaliza apenas o povo Ashaga, bem como sua identidade.

**Palavras-chave:** Língua Emakhuwa; Povo Ashaga; Diversidade Linguística – Cultural.

**ABSTRACT:** The suggestion of this research in progress is to ascertain how Makhuwa people preserve their language, their beliefs and their traditions in the face of linguistic – cultural diversity of northern Mozambique. It is noticed that one of the ways found to maintain their identity is to experience their customs. To this end, it became necessary to comment on Makhuwa cultural diversity such as dancing, singing, proverbs, food, and rites of initiation. Thus, this paper intends to focus on how this people live despite having been colonized by Portugal,

<sup>1</sup> Graduado em Filosofia na Catholic University Of East Africa em Nairóbi- Quênia, graduado em Estudos Religiosos e Línguas no Arusha Philosophicum College – Tanzânia, graduando de Teologia na Faculdade Missioneira do Paraná em Cascavel e Pós – graduando em Docência do Ensino Superior na Faculdade Assis Gurgacz em Cascavel – Paraná, Prof. do Curso de Inglês – Extensão da UNIOESTE, Campus de Cascavel. [fonsecamateusecp@gmail.com](mailto:fonsecamateusecp@gmail.com)

<sup>2</sup> Docente do Colegiado de Letras-CECA-Universidade do Oeste do Paraná-UNIOESTE [rejanetristoni@hotmail.com](mailto:rejanetristoni@hotmail.com)



and also having been imposed the colonizer language as well as its culture, the people always looked for a way to resist from it. It will be also discussed in the course of this work, the conflict between Emakhuwa Language and various languages spoken in Mozambique and the region, among them Portuguese. We explain in time that due to the territorial complexity and divergence of Emakhuwa Language in the region, this study focuses only on the Ashaga people as well as their identity.

**Key words:** Emakhuwa Language, Ashaga People, Cultural – Linguistic Diversity.

Este trabalho é parte de uma pesquisa em andamento, a qual busca averiguar a diversidade de línguas faladas na África. Entretanto, vale ressaltar que, diante da grandeza e da complexidade do continente africano, é preciso considerar que, para esta pesquisa, seria difícil tratar sobre todas as línguas faladas na África. Por isso, será tratado sobre o plurilinguismo do povo *Makuwa*<sup>3</sup>, (localizado na região norte de Moçambique, Cabo Delgado, Nampula e Niassa. A maioria dos sub – temas falaremos de uma região específica), mais especificamente sobre a região dos *Ashaga*<sup>4</sup>.

Diante disso, pretende-se abordar o ponto de vista cultural, sociológico, político, religioso, histórico e geográfico, uma vez que estes fatores influenciam o modo de falar do povo *Makuwa*.

### Situação Geográfica de África e Moçambique

Segundo estudos ao nível da geografia, diz que a área territorial da África é de pouco mais de 30 milhões de quilômetros quadrados.

É considerado o terceiro continente maior em extensão. Além disso, cortam a África três dos grandes paralelos terrestres: Equador, Trópico de Câncer e Trópico de Capricórnio, e há ainda o Meridiano de Greenwich. Estendendo-se de 37 graus de

<sup>3</sup> O povo Makuwa é uma das comunidades sociais e linguísticas que os etnólogos chamam do povo ‘*Bantu*’ que segundo os historiadores, saíram da região dos Grandes Lagos da África, ou seja, na região do Congo, Ex- Zaire. O termo bantu vem ainda pelo fato de que a maioria desse povo em suas mais de quinhentas línguas se encontra pelo menos uma palavra com a radical “ntu, obuntu, muttu” Mas segundo a mitologia do povo Makuwa, esta comunidade tem origem no monte Namuli, situado na Zambézia, região central de Moçambique.

<sup>4</sup> Os Ashaga que falamos neste texto tratam-se de um dos grupos linguísticos ou comunidades que compõe o povo Makuwa. Esse povo vive ao longo do Rio Lúrio (entre o distrito de Erati em Nampula e Chiúre em Cabo Delgado, ambos em Moçambique).



latitude norte a 34 graus de latitude sul e de 18 graus de longitude oeste a 51 graus de longitude leste, o território africano distribui-se pelos quatro hemisférios do planeta Terra. Por outro lado, está compreendido em apenas duas zonas climáticas: a zona intertropical (equatorial e tropical norte e sul) e temperada do norte e do sul. A África é banhada, ao oeste, pelo oceano Atlântico; ao leste, pelo oceano Índico; ao norte, pelo mar Mediterrâneo; e ao nordeste, pelo mar Vermelho.<sup>5</sup>

Neste vasto continente encontra – se Moçambique, país onde o povo Makuwa, nosso objeto de estudo, vive, na sua maioria no norte do país.

Atualmente, Moçambique ocupa uma área de 799.380 quilômetros quadrados que se repartem em 10 províncias e a capital, subdivididos em 112 distritos. Limita-se ao norte com Tanzânia e ao noroeste, em parte, com Malawi e Zâmbia; ao oeste com Zimbábue e África do Sul; e Suazilândia ao sul; ao leste com o oceano Índico. Todo o território está dentro do hemisfério sul, atravessado em sua parte o meridional pelo Trópico de Capricórnio..<sup>6</sup>

### **Povo Makhuwa da Província de Cabo Delgado, norte de Moçambique: suas manifestações culturais e suas resistências contra a eliminação da sua identidade**

O povo Makhuwa se encontra em vários lugares de África, mas neste trabalho será somente discutido o povo que mora na região norte de Moçambique, particularmente no Distrito de Chiúre, Sul da província de Cabo Delgado, norte de Nampula, ao longo do rio Lúrio e que geralmente são chamados do povo Ashaga. Não haverá muitos detalhes, todavia, apresentar – se – ia essa parcela da região norte de Moçambique, como caso estudo.

Cabo Delgado é uma província de Moçambique que tem grande influência cultural dos países vizinhos, dentre eles, Tanzânia e Malawi. Além de encantar quem visita província, é desse contexto multicultural que surgem, por exemplo, as mulheres do povo makuwa bem vestidas de *capulanas*<sup>7</sup>. Além das capulanas, elas fazem pinturas bastante artísticas no rosto com o creme de

<sup>5</sup> África, situação geográfica. Disponível in:< WWW. Google.com/maps> pesquisado no dia 4 de abril de 2012, às 23 horas e 09 minutos

<sup>6</sup> Moçambique. Situação geográfica. Disponível in: [www.portalsaofrancisco.com.br/alfa/mocambique](http://www.portalsaofrancisco.com.br/alfa/mocambique) pesquisado no dia 5 de abril, as zero hora e 15 minutos.

<sup>7</sup> Tecido de algodão sem alguma costura. A maioria das mulheres moçambicanas usa no seu dia a dia. É um instrumento culturalmente conhecido e respeitado.



*musiro*<sup>8</sup>. Essas mulheres chamadas ‘Makuwas’ ou do povo Makuwa, vestidas de cores de muito júbilo, ao tom do tambor e com o som agradável do *elulu* (estalo da língua) passam às vezes o dia todo cantando e dançando. Esses cantos e danças transmitem conhecimento, especialmente a própria língua, pois as crianças acabam escutando muitos termos, nomes e expressões que na vida cotidiana não são pronunciados. Dessa forma, percebe-se que as mulheres transmitem e mantêm, por meio rituais de cantos e danças, os quais são apresentados à comunidade, não somente sua cultura, seus costumes, mas principalmente, sua língua e sua identidade. Logo, percebe-se que, por meio dessa manifestação de crenças culturais, o povo Makuwa conserva sua língua.

Cabe ressaltar que o povo Makuwa não deu ainda passos ao nível de escrita, ou seja, não há registro de escrita em língua Emakhuwa e, por isso, sua comunicação ocorre apenas através de linguagem oral, sinais e símbolos e sendo ensinados, por meio de suas crenças, costumes e tradições, de geração em geração. Esse povo faz tudo isso por meio da vivência, portanto, é um meio de resistência a presença do “outro”, do estrangeiro, do colonizador que ameaçava destruir sua identidade e especialmente sua língua Emakhuwa.

Neste sentido, Moniot (1979, p. 79) explica que a comunicação baseada na tradição oral “é tudo aquilo que é transmitido pela boca e pela memória. Esse pode ser um saber difuso em cada sociedade, transmitido mais ou menos amplamente pela educação e em favor das circunstâncias práticas da vida”. Diante disso, Moniot (1979) aponta que esta maneira de conservar a língua materna através da oralidade, além de sustentar os aspectos culturais, constitui também um forte fator de identidade étnica, já que a língua materna de uma comunidade é um dos componentes mais importantes de sua cultura, constituindo o código com que se organiza e mantém integrado todo o conhecimento acumulado ao longo das gerações.

Nessa mesma linha de raciocínio, Le Goff (1989) reconhece que

“a memória coletiva se aplica de forma funcional nas sociedades sem escrita, pois um dos seus interesses através dessa memória é a identidade coletiva do grupo. A memória e a identidade exercem grande ligação, sendo a primeira elemento constituinte do sentimento de identidade, e que essa identidade é um elo com a história passada e com a memória do grupo, onde a identidade é fortalecida através

---

<sup>8</sup> Creme de uma específica planta tropical que as mulheres extraem moendo-a em uma pedra.



da memória, sendo que esta última mantém a coesão do grupo (LE GOFF, 1982, p. 16).

Essa memória coletiva é interpretada por diversos modos, dentre eles, pelo canto e pela dança, frequentes na vida cotidiana. Essa interação social constitui, através das gerações, e acaba, portanto, construindo símbolos e significados que se tornam importantes para esses indivíduos e os identificam como pertencente a uma determinada comunidade ou região, diferenciando-os de outras comunidades, resultando na identidade cultural. (SIGNORINI, 1998).

Outra maneira de manter a língua falada e a identidade cultural, além do canto e da dança, é o conto. Este ritual, realizado em forma de narração ou de canto, no calar da noite, tem o objetivo de transmitir aos mais jovens as experiências e conhecimentos da vida. A expressão desse ritual exerce um papel importante não somente para unidade e para a inteiração do povo, mas também com seus antepassados, pois falar a língua dos antepassados representa um sinal de honra e de comunhão com eles, já que de acordo com Arias (2002, p.9) cultura é construída por indivíduos a partir de suas ações e suas atividades sociais, ou seja, os membros de uma comunidade interagem entre si, trocam ideias e conhecimentos, através de manifestações de crenças e costumes que são transmitidos de geração em geração. Em outras palavras "la cultura no es algo dado, una herencia biológica, sino una construcción social e históricamente situada, en consecuencia es un producto histórico concreto, una construcción que se inserta en la historia y específicamente en la historia de las inter-acciones que los diversos grupos sociales establecen entre si" (ARIAS, 2002, p.9)

Conforme apontado acima, o povo Makuwa não tem registro de escrita em língua materna e suas histórias e seus costumes são revelados por meio da linguagem oral, através de rituais que estão presentes na vida do povo Makuwa, desde o nascimento até a morte. Todos estes rituais são expressos em língua materna do povo makuwa e, embora a língua oficial do país seja o português, a língua Emakhuwa acaba sendo a língua oficial do povo. Um exemplo disso são os chamados ritos de iniciação à vida adulta para as meninas, e a circuncisão (corte do prepúcio do menino), durante este ritual, os mais velhos transmitem conselhos aos meninos e os introduzem na vida adulta. Ressalta-se que o uso da Língua Emakhuwa torna-se evidente durante os momentos em que o povo makuwa se reúne para vivenciar seus costumes. Além disso, destaca-se outro aspecto



importante que ocorre, em relação à utilização da língua, já que, nestes rituais, existem palavras e expressões que são pronunciadas apenas nestes eventos. Percebe-se, portanto, que, com o vivenciar da cultura e dos costumes, se aprende, de geração em geração, a língua.

Nota-se, ainda, o uso oral da língua makuwa em festas e na manifestação dos provérbios populares, contudo para compreender tais provérbios é necessário ser falante da língua Emakhuwa ou conviver na comunidade. Um exemplo disso é o provérbio *nlattu wamasikini nuluma mwanene Nluku* que significa “problema do pobre somente Deus é quem resolve”. Entretanto, este provérbio, possui vários significados que, mesmo tentando traduzi-lo aqui, não se esgotam suas traduções. Depreende-se também que o provérbio, por revelar tanto uma mensagem divina como dos antepassados, apresenta um papel essencial para a comunidade makuwa.

Outro meio pelo qual se observa o uso oral da língua são as festas populares que revela, além da língua, a identidade do povo makuwa. Há, por exemplo, dentre essas festas, a colheita de mapira<sup>9</sup>, a qual consiste na preparação da bebida tradicional chamada *otheka*<sup>10</sup>, onde o povo se reúne celebra, bebe e canta suas músicas. Além disso, a *otheka* também é oferecida no sacrifício aos antepassados, principalmente aqueles que exerciam a função de governar o povo como os *mamwene* e *mapwiyamwene*<sup>11</sup>. Há também rituais festivos para inaugurar os alimentos novos ou imediatamente colhidos da *machamba* (roça), o objetivo desse ritual é que os alimentos não façam nenhum mal a nenhum consumidor. Mais uma vez se observa, por meio da manifestação da cultura, o uso da língua Emakhuwa.

Já em relação à gastronomia, embora haja importação de cozinhas de outros povos como, por exemplos, os indianos, os árabes e os portugueses, a cozinha makuwa é bastante rica e tradicional. Há vários tipos de comida, tais como, *shima* (alimento feito de farinha de milho e de mapira, o *nikujukhu* (comida feita de milho pilado e feijão jugo), a *matapa* (uma mistura feita de folhas de mandioca), a *mwatranka* ( uma espécie de polenta feita de farinha de mandioca). Estes alimentos revelam a identidade do povo Makuwa.

<sup>9</sup> Uma cultura alimentar produzida em Moçambique. Esse nome varia de uma região para outra. No Brasil, por exemplo, se chama a mapira de sorgo.

<sup>10</sup> Uma bebida que a base é a mapira e se adiciona mandioca seca.

<sup>11</sup> Chefes tradicionais que após a morte são considerados parte dos antepassados.



Nota-se, entretanto, que, através da manifestação de costumes, rituais e crenças, o povo Makuwa mantém e, mesmo sem saber, preserva sua identidade cultural e, dessa maneira, protege-se do “outro”, do estrangeiro, do colonizador, ou seja, uma estratégia para preservar e ensinar sua língua, num processo que repassa as gerações. "... una construcción específicamente humana que se expresa a través de todos esos universos simbólicos y de sentido socialmente compartidos, que le ha permitido a una sociedad llegar a “ser” todo lo que se ha construido como pueblo y sobre el que se construye un referente discursivo de pertenencia y de diferencia: la identidad" Arias (2002, p. 103)

Além da língua Emakhuwa há outras línguas e dialetos falados na região de fronteiras do povo Emakhuwa que, devido à necessidade de comunicar-se, surge uma grande diversidade linguística e cultural. Tais falares ocorrem sem regras ou normas e, neste caso, diante da necessidade de se comunicarem, acaba se destacando uma língua sobre as demais faladas o que se evidencia o jogo de poder sobre a língua falada, no qual há a língua de prestígio e a línguas de desprestígio, surgindo, ao lado dessa língua de domínio, dentro desse contexto fronteiriço, num ambiente plurilíngue, as línguas minoritárias, desafiando os sujeitos que vivem, na maioria das vezes, identidades fragmentadas (MOITA LOPES, 2002)

Diante desse contexto fronteiriço e dessa diversidade linguística e cultural, surgem os conflitos linguísticos. Dentre os motivos desses conflitos está a mobilidade humana, a qual tem ocasionado, na maioria das vezes, a perda de identidade, da cultura, da língua e, até mesmo, da nacionalidade.

Esta diversidade linguística e cultural, comum em ambiente de fronteira, favorece o aparecimento de várias línguas, entretanto, neste caso, faltam políticas linguísticas, o que resulta na ideia de que há língua melhor, de prestígio em detrimento de outra. Neste sentido, uma língua exerce o papel de domínio e, conseqüentemente, ocorre a desvalorização da língua, da cultura, da identidade do “outro”, gerando preconceito, não somente linguístico, mas também, cultural. De imediato surgem os conflitos identitários como, por exemplo, o fato de uma pessoa que mora no distrito de Erati, localizado na Província de Nampula, atravessar o rio Lúrio para ir até o distrito de Chiúre, em Cabo Delgado ambos no norte de Moçambique e é motivo de rechaço e estigmatização. Isso ocorre devido à maneira como os falantes de Erati que moram há cinco



quilômetros do distrito de Chiúre, pronunciam as palavras, ou seja, eles falam mais devagar como, por exemplo, o caso do vocábulo *nroowe* diferente de *nrvé*, tais palavras se diferenciam apenas na maneira de pronúncia – lã, pois seus significados são os mesmos, isto é: “vamos”. Essa identificação por meio da língua é denominada por Mey (1998) de variações linguísticas e fonéticas.

Diante de situações como esta, entende-se que a língua identifica e revela a identidade de um indivíduo como pertencente de um determinado grupo étnico. Em outras palavras, a língua constitui-se em “um dos principais fatores que estabelecem essa identidade étnica” (MEY 1998, p.71). Contudo, vale lembrar, que a região foco deste estudo constitui-se de vários grupos étnicos, uma vez que esta região é formada por várias culturas, por diferentes povos e, conseqüentemente, por diferentes identidades.

Sabe-se que em casos como do eratiano (natural de Erati), ocorre o chamado preconceito linguístico, que de acordo com Cavalcanti (1999), esta atitude é eficaz para apagar as minorias, neste caso, as comunidades que falam outros dialetos e línguas, ou seja, grupos étnicos falantes de variedades linguísticas desprestigiadas, os quais, como o exemplo o eratiano, serão excluídos, já que, de acordo com Mutti (2006) essas diferenças linguísticas se tornam fatos de discriminação.

Essa falta de aceitação da língua do “outro” ocorre, conforme mostra Cossa (2007), porque o moçambicano entende que é mais vantajoso, mais bonito e socialmente benéfico aprender uma língua do branco e, portanto, ele acaba inferiorizando a própria língua. O pesquisador aponta que esse mito de pensar que a língua do estrangeiro é mais bonita se deve à falta de políticas educacionais voltadas para a grande diversidade linguística dessa região. Para ele, é preciso que a escola valorize a língua materna do aluno e, por conseguinte, sua identidade cultural.

### **A Língua Portuguesa em Moçambique**

Em relação ao português moçambicano, pode-se dizer que há diversas e variadas formas de falar esta língua ao nível do território de Moçambique. A Língua Portuguesa é falada atualmente por cerca de 45 % da população no total de 23 milhões de moçambicanos (Censo de 2011). Segundo analistas do Instituto Nacional de Estatísticas, devido à variação do português, começa a



crescer o número dos falantes. A emergência das variações do português de Moçambique deve-se a presença de Portugal e Brasil, ou seja, os portugueses e brasileiros que se encontram trabalhando ou como turistas contribuem muito nesse cenário.

A própria diversidade linguística de Moçambique também enriquece a língua portuguesa com novas palavras e expressões. Essa contribuição resultou na elaboração do dicionário chamado 'o moçambicanismo', objetivando a atender a necessidade de comunicação entre os falantes dessa região.

Neste sentido, segue abaixo, alguns exemplos de vocábulos do português de Moçambique, que mostra que o português ensinado em Moçambique não é o mesmo ensinado pelos colonizadores de Portugal. Tem-se, portanto, os seguintes termos: *dumba-nengue*, expressão da Língua Xirona, língua falada no sul de Moçambique, usada para o comércio informal; *machamba*, termo proveniente da Língua Swahili, língua nacional de Tanzânia e falada em Cabo Delgado, norte de Moçambique, tal termo significa “roça”; *Madala*, vocábulo proveniente da Língua Xichangana, falada no sul de Moçambique, usado para chamar uma pessoa respeitosa na sociedade; *Matapa*, vocábulo da Língua Emakhuwa, usado para designar a verdura proveniente de folhas de mandioca; *shima*, termo também proveniente das Línguas Emakhuwa, Cisena e Cinyungwe, representa alimento feito de farinha de milho.

O português da Europa ou simplesmente de Portugal, é a grande referência de Moçambique, não somente devido à colonização, mas também os laços de cooperação que tem se verificado entre os dois países: Moçambique e Portugal. Ao nível de pronúncia, porém, o português de Moçambique mostra muitas partidas que resultam da influência e da mescla de outras línguas do país, bem como o português do Brasil.

**A violência, exploração e dominação que foram submetidos o povo de Moçambique, especialmente o povo Makuwa.**

Para falarmos sobre este assunto de exploração e dominação, é fundamental lembrarmos que Moçambique foi colônia de Portugal por cerca de 500 anos. Oficialmente podemos considerar que a dominação teve lugar de 1886 até 1974, ano dos acordos de Lusaka, ou seja, o



ano que marcou o fim da guerra de libertação e a criação do governo de transição constituído por moçambicanos.

Essa dominação se verificou em vários aspectos, dentre eles, o cultural. Sabe-se que a língua materna foi proibida em Moçambique, ou seja, em outras palavras, o povo moçambicano foi negado de falar sua própria língua. Com isso, diante da influência da colonização portuguesa e das várias línguas faladas em Moçambique e países vizinhos, o povo Makuwa foi perdendo, aos poucos, sua identidade e sendo transformado e condicionado a “aceitar” o domínio do “outro”.

A dominação colonial portuguesa não somente oprimiu o povo fisicamente, mas também culturalmente. A ideia que os portugueses impunham era centrada no conhecimento dos moçambicanos em relação à língua portuguesa, ou seja, para eles, inteligente era aquele que, além de saber falar fluentemente a língua portuguesa, abandonava sua língua materna.

Desse modo, confirma – se a ideia da língua de valor e de prestígio, neste caso, o português, frente à língua desvalorizada e de desprestígio, a língua falada pelos moçambicanos. Entende-se, portanto, que as formas de dominação não são naturais, nem contratuais, mas construídas como estratégias sobre a ação dos outros, e determinadas historicamente (FOUCAULT, 1990, p. 29), uma vez que, por um lado estabelece a ideia de poder, conhecimento e prestígio, por outro mantém – se vínculos de domínio, ignorância, desprestígio e, por conseguinte, estabelece – se as desigualdades sociais.

### **Considerações finais**

Agualusa (2010) explica que existem cerca de seis mil línguas em todo mundo e que três mil, destas irão desaparecer provavelmente nos próximos cem anos. Afirma o autor que, em média, a cada quinze dias desaparece uma língua, sendo que a África é o continente mais ameaçado. Essa ameaça surge na dependência econômica que a maioria dos países africanos enfrenta face aos países considerados potências mundiais e que outrora foram colonizadores de África como é o caso de Inglaterra, França e Portugal. Há realidades, emoções, certos prodígios e mistérios que só podem ser expressos em determinadas línguas. Uma única língua não é capaz de expressar as formas e graus da compreensão humana (AGUALUSA, 2010). Ao querer – se



eliminar direta ou indiretamente muitas línguas está se também declarar a morte de povos, culturas, pelo fato da língua exercer um papel importantíssimo.

Ressalta-se, mais uma vez, que estas discussões são preliminares e fazem parte de uma investigação maior que é compreender a construção da identidade do povo Makhuwa que traz um exemplo claro como os povos minoritários estão sofrendo e conseguem sobreviver apesar de muita pressão e conflitos.

O que se pode constatar é a necessidade urgente de divulgação nas escolas e faculdades dessas línguas minoritárias por meio de ensino, pesquisa e debates para que o povo saiba valorizar e abrir novas perspectivas de comunicação e encontro com outras culturas. Outro aspecto importante nessa discussão é a formação de professores capazes de ministrar aulas usando as línguas locais e despertar atenção aos alunos a começar escrever tudo que os povos têm contado oralmente e manifestado por meio de cantos, danças, provérbios, gastronomia e ritos de iniciação.

## Referências

AGUALUSA, José Eduardo (2010). A língua portuguesa em Angola- língua materna VS. Língua madrasta. Uma proposta de paz. Disponível em: <https://kukalesa.wordpress.com/tag/diferenca-cultural/>. Acesso em: 05/05/2012.

ARIAS, P. G. (2002). La cultura. Estrategias Conceptuales para comprender a identidad, la diversidad, la alteridad y la diferencia. Escuela de Antropología Aplicada UPS - Quito. Ediciones Abya-yala.

COSSA, Lourenço Eugénio Cossa. Línguas nacionais no sistema de ensino para o desenvolvimento da educação em Moçambique. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Educação, 2007. (Dissertação de Mestrado).

FOUCAULT, M. Microfísica do poder. 9 ed. Rio de Janeiro: Graal, 1990.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. Identidades Fragmentadas: a construção discursiva de raça, gênero e sexualidade em sala de aula. Campinas: Mercado de Letras. 2002.

LE GOFF, Jaques. História e memória. Lisboa: Edições 70, 1982.



LERMA MARTINEZ, Francisco. The mozambican priest and the challenge of inculturation. Disponível em: <http://en.ismico.org/missionáriosdaconsolata>. Acesso em: 05/04/2012.

\_\_\_\_\_. O povo macua e sua cultura; tradução de José Fernando da Rocha Martins. Lisboa: Instituto de Investigação Científica Tropical, 1989

\_\_\_\_\_. Antropologia Cultural. Maputo- Matola: Seminário Santo Agostinho , 2001.

MONIOT, Henri. A história dos povos sem história in: LE GOFF, Laquês & NORA, Pierre. História: Novos Problemas. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1979.

MEDEIROS, Eduardo. O sistema linhageiro macua – lómwè. Maputo: Universidade Eduardo Mondlane, Faculdade de Letras, 1985.

MEY, Jacob L. Etnia, identidade e língua. Tradução: Maria da Glória de Moraes. In. SIGNORINI, Inês. *Língua(gem) e identidade*. Campinas: Mercado de letras. 1998.

MUTTI, Regina Varini. Análise do discurso: Anotações em aulas. FACED, 2006

\_\_\_\_\_ Análise do discurso: Anotações em aulas. FACED, 2007.

SIGNORINI, Inês. Língua(gem) e identidade. Campinas: Mercado de Letras. 1998.